

MAU DESEMPENHO ESCOLAR: IMPORTÂNCIA DA VISÃO DA PRÓPRIA CRIANÇA

Poor school performance: importance of child self-report

Mauro Muszkat^{a,*}

Vivemos numa época de espantosa velocidade na produção, difusão e interconexão dos saberes. Esse ritmo acelerado tem transformado a maneira pela qual as crianças pensam, aprendem e interpretam as informações. A escola, espaço da aprendizagem formal, assume nesse contexto um papel sociocultural e afetivo marcante, particularmente no Brasil, país de tantas desigualdades. Assim, ao papel de utilizar métodos de ensino atuais — que permitam aperfeiçoamento de habilidades, desenvolvimento de potencialidades e estratégias de ensino individualizadas e motivadoras —, acresce-se o de compensar as diferenças, diminuindo a desigualdade de oportunidades. Neste sentido, é fundamental fortalecer e identificar precocemente fragilidades e desenvolver o potencial de enfrentamento das crianças mais vulneráveis. Daí a necessidade de abordagens interdisciplinares extensivas a profissionais de saúde e educação tanto para a identificação como para a seleção de estratégias de reabilitação efetivas frente às dificuldades de aprendizagem.

Estima-se que em torno de 15 a 20% das crianças no início da escolarização apresentam dificuldades em aprender, e essas estimativas podem chegar a 30 a 50% se forem analisados os primeiros seis anos de escolaridade. O mau desempenho escolar, definido como um rendimento acadêmico abaixo do esperado para determinada idade, habilidades cognitivas e escolaridade, é complexo e multifatorial. Inclui desde Dificuldades de Aprendizagem relacionadas a fatores múltiplos — como baixas oportunidades socioambientais e conflitos emocionais — até Transtornos de Aprendizagem de natureza neurobiológica — como a dislexia, a discalculia e o Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade. O mau desempenho escolar, independentemente da etiologia, afeta as diversas esferas da rede relacional da criança, levando a problemas emocionais como ansiedade, baixa autoestima e desmotivação.

Reconhecer como a criança avalia seu próprio desempenho e nível de satisfação com a vida parte da premissa metacognitiva de que a criança em desenvolvimento é capaz de se expressar e de acessar a sua subjetividade. O trabalho “Qualidade de vida e autopercepção de saúde de crianças com mau desempenho escolar¹” do grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais é um bom representante dessa premissa. A pesquisa, realizada em 99 crianças escolares com mau desempenho escolar, utilizando a Escala de AUQEI, validada no Brasil e de fácil operacionalidade, é muito bem-vinda nesse sentido, pois vai de encontro com a visão atual de que não basta apenas reconhecer e tratar transtornos, mas trazer a visão da própria criança, de sua autonomia e percepção de saúde enquanto potencializadora do sentido de pertencimento e identidade, fundamentais para a inclusão por meio da educação e da cultura.

Financiamento

O estudo não recebeu financiamento.

Conflito de interesses

O autor declara não haver conflito de interesses.

REFERÊNCIA

1. Rezende BA, Lemos SM, Medeiros AM. Quality of life and health self-perception in children with poor school performance. *Rev Paul Pediatr.* 2017;35:415-21.

*Autor correspondente. E-mail: mauromuszkat@uol.com.br (M. Muszkat).

^aNúcleo de Atendimento Neuropsicológico Infantil Interdisciplinar do Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em 9 de junho de 2017.

© 2017 Sociedade de Pediatria de São Paulo. Publicado por Zeppelini Publishers.

Este é um artigo Open Access sob a licença CC BY (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>).